

Geralmente as pessoas que sabem pouco falam muito e as que sabem muito falam pouco.

Fazer alguém feliz é merecer ser feliz.

A Pedagogia moderna inspirou-se, em grande parte, na obra *Emílio*, de Rousseau. Essa obra, no entanto, teve um início público conturbado. Menos de vinte dias após o seu aparecimento na Holanda, e antes que tivesse sido divulgada na França, o Parlamento de Paris condenou-a à fogueira e decretou a prisão do autor em 9 de junho de 1762.

Segundo Rolland (1940: 23), “no dia 11 de junho a obra foi rasgada e queimada junto à grande escada do Palácio da Justiça de Paris, e dizia-se abertamente que não era suficiente queimar o livro. Seria também preciso queimar o autor”.

Um dos principais motivos de tal reação, certamente, está no fato de Rousseau ter-se insurgido contra as concepções dominantes na educação do seu tempo. Em outras palavras, ele foi contra a ideologia dominante. Assim como na França de Rousseau, existiria hoje, na sociedade e na educação brasileira, uma ideologia dominante? Qual seria esta ideologia? O que ela defende? A quem ela serve? A quem prejudica? Quais os meios utilizados para torná-la dominante? E o que acontece com aqueles que se insurgem contra ela?

COMTE E A EDUCAÇÃO POSITIVISTA

*O amor como princípio, a ordem como base,
e o progresso como fim, eis [...] o caráter
fundamental do regime definitivo que o
positivismo vem inaugurar.
(Augusto Comte, 1798-1857)*

O filósofo francês Augusto Comte, criador do positivismo, é considerado o pai da Sociologia moderna. Foi o primeiro a utilizar a palavra *sociologia* para designar o estudo das questões humanas através da utilização dos mesmos métodos usados pelos cientistas no estudo do mundo físico.

O sistema positivista repousa sobre três princípios básicos: a *lei dos três estados*, a *classificação das ciências* e a *religião da humanidade*.

A LEI DOS TRÊS ESTADOS

Segundo Comte, a humanidade passou por três estados sucessivos: o *estado teológico*, o *estado metafísico* e o *estado positivo*. Eis as características de cada um deles:

- *Estado teológico*: Nesse estado o espírito humano representa para si os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção explica todas as anomalias aparentes do universo.

- *Estado metafísico*: É o estado em que o espírito humano já não imagina forças sobrenaturais por trás de cada fenômeno, mas recorre a entidades abstratas sobre as quais ele não tem nenhuma experiência: O SER, O UM, O TODO, a ALMA, a HARMONIA etc. A poesia está bastante próxima deste estado metafísico.
- *Estado positivo*: Também denominado *científico*. O espírito humano já não se preocupa mais com a origem nem com a finalidade do curso das coisas. O cientista observa os fatos. E, das relações invariáveis observadas entre os grupos de fatos, ele tira as *leis*, verificadas através da experiência. Essas leis constituem um conhecimento relativo, mas preciso e certo, que lhe permite agir sobre a natureza. O estado positivo é considerado o mais elevado.

A cada estado corresponde uma determinada forma de sociedade:

- ao estado teológico corresponde uma sociedade clerical e feudal;
- ao estado metafísico, uma sociedade revolucionária; e
- ao estado positivo, uma sociedade científica e industrial.

A CLASSIFICAÇÃO DAS CIÊNCIAS

De acordo com o positivismo, a sociedade evoluiu segundo o progresso da ciência. A classificação das ciências mostra a direção dessa evolução. No cume estão as Matemáticas. Em seguida a Astronomia, a Física, a Química, a Biologia e a Sociologia.

Comte define a Sociologia como uma *física social*, cujo objeto próprio é o estudo dos fenômenos sociais, isto é, as relações humanas. Para ele a Sociologia ainda não havia alcançado o nível de *ciência positiva*. Por isso, seria preciso desenvolvê-la nesse sentido, para que as condições de vida social pudessem ser melhoradas, graças a uma previsão confiável dos desenvolvimentos sociais.

A poesia e a cultura estética só serviriam como

elementos de uma formação preliminar – “elas destinar-se-ão, no conjunto dos estudos positivos, a preparar a contemplação científica” – como meios a serviço das celebrações e rituais e das obras do

positivismo. Preparam o conhecimento positivo, servem e celebram a política positiva; é sua tarefa “idealizar e estimular”, em conformidade com os princípios da filosofia positiva que, fora destas funções, não deixariam de ceder novamente ao “delírio” do “orgulho político” e ao “negativismo sistemático dos letrados” (Duborgel, 1995: 277).

A classificação das ciências segundo o positivismo, que coloca as matemáticas no ponto mais alto, como as mais importantes, está na base da valorização das ciências naturais e exatas em oposição às ciências humanas. Isso se reflete em nosso atual currículo escolar que, por exemplo, atribui um número bem maior de aulas à Matemática do que à História. Também para Comte, como vimos, a poesia e a cultura estética nada mais seriam do que elementos de uma formação preliminar à contemplação científica.

A partir dessas considerações, podemos, analisando a nossa realidade escolar, refletir sobre pontos tais como:

- Que contribuições trazem as ciências naturais e exatas para a humanidade e para a formação de crianças e jovens?
 - E as ciências humanas?
 - Quais os objetivos de umas e outras?
 - Pode haver uma conciliação e um equilíbrio no tempo escolar dedicado a ambas? De que modo?
 - A poesia e a cultura estética seriam apenas preliminares à ciência? Poderiam contribuir para o desenvolvimento de valores e saberes que ultrapassam o conhecimento meramente científico, contribuindo para a educação integral do ser humano?
-

A RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Comte pretendeu, em 1847,

fundar a religião da Humanidade, com seus nove sacramentos, seu calendário, seus santos, seu grande-padre. Com a segurança de um profeta, ele escreveu a um amigo: “Estou persuadido de que, antes do ano de 1860, anunciarei o positivismo na Notre-Dame como a única religião real e completa.” Ele se enganou. A morte, que ele não previu, o ceifou três anos antes. (Riffard, 2004: 98)

Os santos dessa nova religião, aos quais se prestaria culto, seriam os grandes homens, os mortos ilustres, que ocupam o mais alto nível

no *Grande Ser*. A religião positivista fundar-se-ia essencialmente sobre o amor da humanidade enquanto ser supremo. Comte designa esse amor com a palavra altruísmo.

COMTE E A EDUCAÇÃO

Nas últimas páginas de seu *Curso de filosofia positiva*, Comte expressa o desejo de compor um tratado sobre educação. Esse desejo, no entanto, não foi realizado. Mesmo assim, em suas obras, é possível descobrir numerosas indicações sobre uma educação positivista. De acordo com ele, a educação comporta dois períodos gerais. O chamado período *espontâneo*, que vai dos 7 aos 14 anos, no qual a criança, que é sobretudo um ser físico e sensorial, depende da mãe e da família, que deverão exercer uma educação de índole estética e linguística.

O segundo período, denominado *sistemático*, vai da puberdade à maioridade, tem um caráter intelectual e realiza-se em instituições públicas, que deverão exercer uma educação através de um ensino enciclopédico.

Antes da puberdade, a educação será dominada pela preocupação com o concreto. Qualquer lição formal deve ser adiada para o segundo período, no qual a prática da observação e as ciências destinadas a facilitar a adaptação do corpo às atividades habituais são mais importantes.

A concepção positivista da educação repousa, basicamente, sobre a lei dos três estados e a classificação das ciências. As etapas psicopedagógicas propostas por Comte e seus seguidores, adequadas à

lei dos três estados, fazem pensar, em alguns aspectos, nos estádios concatenados da psicologia genética piagetiana. Mas, se estas ou aquelas descrições positivistas da evolução psicopedagógica da infância são eventualmente comparáveis às descrições piagetianas da construção das operações e da “representação do mundo por parte da criança”, é porque talvez os valores gerais (“positividade”, racionalidade etc.) e o esquema de progresso (“lei dos três estados”) privilegiado pelo positivismo continuam a ser, de algum modo, o subsolo mais ou menos implícito e difuso de onde provém a nossa representação favorita dos vetores psicogenéticos. (Duborgel, 1995: 284)

A lei dos três estados é pedagógica por excelência. Por isso, ela descreve e prescreve. E essa descrição-prescrição é a base da educação

positivista, responsável pela manutenção e pela reforma social. Segundo Comte, só a educação positivista pode servir de base à reforma social. Assim, um programa político social das *repúblicas positivas* é detalhado no *Catecismo positivista*. Aí tudo está previsto, desde sua superfície, número de habitantes e até mesmo o número de cientistas, de chefes industriais, de proletários e seus respectivos salários.

De acordo com o escritor francês Anatole France (1844-1986), o positivismo “dá à existência uma figura geométrica. Toda curiosidade do espírito é, nela, reprimida severamente. Ela só admite os conhecimentos úteis e refreia toda a curiosidade” (apud Rónai, 1985: 788).

Pensemos um pouco no que acontece em nossas salas de aula, em todos os níveis de ensino, da educação infantil ao superior. De um modo geral, o nível de curiosidade intelectual pode ser considerado baixo, médio ou alto? O que mais contribui para que seja assim classificado? Como se pode elevar o nível de curiosidade intelectual de crianças e jovens? E os conhecimentos que não têm uma utilidade imediata, que tratamento recebem de professores e alunos? Por que são assim tratados?

APRECIÇÃO CRÍTICA

O positivismo associa a precisão científica à previsão do futuro da humanidade. Assim, *saber é prever, para prover*. Integra-se inteiramente, portanto, num entusiasmo por uma organização científica da vida social e numa filosofia progressista da história.

A crítica ao positivismo feita pelo o escritor francês Zola (1840-1902) chama a atenção pela sua contundência:

Coloquei minha fé na vida, que considero eternamente boa e única construtora da saúde e da força. Só ela é fecunda, só ela trabalha para a cidade de amanhã. Se combato a regra estreita do positivismo, é porque ela é a balastrada da demência dos espíritos, deste idealismo que cai tão facilmente nas piores perversões, nos mais mortais perigos sociais. (apud Oster, 1993: 608)

Comte era excessivamente preocupado com a constituição de uma ordem social estável. Uma ordem sem convulsões, revoluções e conflitos.

A expressão *Ordem e Progresso*, inscrita na bandeira brasileira, segue a orientação positivista.

Merece crítica, também, o valor excessivo que ele atribui às ideias científicas. Elas, certamente, são importantes. Comte, no entanto, exagera ao atribuir-lhe todo o poder espiritual e a direção suprema da educação.

Sua concepção de educação parece estreita. Para ele, educação, em sua acepção mais extensa, consiste no sistema completo de hábitos necessários à preparação dos indivíduos para a ordem social na qual devem viver, e para adaptá-los, tanto quanto possível, ao papel particular que devem desempenhar.

Sem contar que a palavra *progresso*, tão cara a Comte, naturalmente, significa coisas diferentes segundo a orientação filosófica de cada um dos pensadores da educação.

FRASES DE AUGUSTO COMTE

Os vivos são sempre, e cada vez mais, dominados pelos mortos.

Os mortos governam os vivos.

Não se conhece completamente uma ciência enquanto não se lhe sabe a história.

O público humano é o verdadeiro autor.

O positivismo só admite deveres, de todos para com todos.

O positivismo, afirmou Comte, só admite deveres de todos para com todos. Mas, perguntamos, aos deveres não correspondem direitos? Não têm as pessoas deveres e direitos? Observamos que, se alguns lutam muito por seus direitos, esquecendo os seus deveres, há outros, principalmente quando investidos de autoridade, que exigem o cumprimento dos deveres e não respeitam os direitos.

Todo aluno, por exemplo, tem direitos e deveres. O mesmo se pode dizer do professor. Quantos conflitos escolares poderiam ser evitados se alunos e professores praticassem essa verdade fundamental! Perguntamos:

- Que deveres, geralmente, alunos e professores descumprem?
 - Que direitos são muitas vezes desrespeitados?
 - Cabe à escola educar para o cumprimento dos deveres e o respeito aos direitos? E como pode fazer isso? No desempenho dessa tarefa, o que é mais importante: a teoria ou o exemplo? Ou ambos? Por quê?
-

NÍSIA FLORESTA E A EDUCAÇÃO IMPERIAL

Quanto mais ignorante é um povo tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder.
(Nísia Floresta, 1810-1885)

Neste capítulo, após analisarmos as principais características da educação brasileira no período imperial (1822-1889), tratamos do pioneirismo de Nísia Floresta, que se destacou tanto por suas críticas ao ensino da época quanto pela defesa dos direitos da mulher, sobretudo das meninas, que, praticamente, não tinham acesso à escola.

A INDEPENDÊNCIA E A EDUCAÇÃO

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil (1808) e com a Independência (1822), a preocupação fundamental do governo, no que se refere à educação, passou a ser a formação das elites dirigentes do país.

Ao invés de procurar organizar um sistema nacional de ensino, integrado em todos os seus graus e modalidades, as autoridades priorizaram a criação de algumas escolas superiores e a regulamentação das vias de acesso a elas, especialmente através do curso secundário e dos exames de ingresso aos estudos de nível superior.

No final do século XVIII e ao longo do século XIX, numerosas transformações modificaram radicalmente a face do mundo: